

ANA CAROLINA GEBUR

A DANÇA ENQUANTO POSSIBILIDADE DE TRABALHO PARA A  
MELHORIA DE VIDA DO PORTADOR DE PARALISIA CEREBRAL

Monografia apresentada como requisito  
parcial para a conclusão do Curso de  
Licenciatura em Educação Física do  
Departamento de Educação Física,  
Setor de Ciências Biológicas,  
Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Iverson Ladewig, Ph.D

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	<b>iv</b>
<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
1.1 PROBLEMA.....	1
1.2 JUSTIFICATIVA .....	1
1.3 OBJETIVOS .....	3
1.3.1 Objetivo Geral .....	3
1.3.2 Objetivos Específicos .....	3
<b>2. REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	<b>5</b>
2.1 HISTÓRICO DA PARALISIA CEREBRAL .....	5
2.2 CLASSIFICAÇÃO DA PARALISIA CEREBRAL.....	6
2.3 A DEFICIÊNCIA MOTORA NO PARALISADO CEREBRAL.....	9
2.4 A EDUCAÇÃO FÍSICA .....	12
2.4.1 A Educação Física Adaptada .....	13
2.5 A DANÇA.....	15
2.5.1 A Dança Aplicada ao Paralisado Cerebral .....	17
2.6 CUIDADOS NA APLICAÇÃO DE ATIVIDADES EM PORTADORES DE PARALISIA CEREBRAL .....	19
<b>3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>22</b>
<b>4. DISCUSSÃO</b> .....	<b>23</b>
<b>5. CONCLUSÃO</b> .....	<b>27</b>
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>29</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>31</b>

## **Agradecimentos**

A Deus que é o Senhor da Vida, do equilíbrio e da alegria de viver; que dá a força necessária à todos aqueles que buscam o respeito pelos demais.

Aos meus pais que romperam várias barreiras para que eu pudesse aprender a ensinar.

## RESUMO

Este trabalho leva ao anseio de uma melhor educação através do uso da dança no processo ensino aprendizagem de portadores de paralisia cerebral. Iniciando com um breve histórico e classificação da paralisia cerebral e refletindo sobre as dificuldades e diferenças do educando no seu processo de aprendizado propõe-se que o profissional da área da educação física deve buscar alternativas para atender as diversidades assegurando a aprendizagem de forma real e atrativa. Na educação dos paralisados cerebrais a aprendizagem se processa de forma lenta e se faz necessário que o educador desenvolva seu trabalho de forma variada. A dança é um componente que interage para o ser humano atingir um certo grau de desenvolvimento e uma alternativa para interação social. É muito importante que o trabalho com a dança seja sistemático para que se proceda a organização de espaço de forma a favorecer o desenvolvimento esperado. Conclui-se que a dança é viável no contexto educativo, pois auxilia o desenvolvimento físico, mental e sócio-emocional, satisfazendo os interesses do indivíduo e ao mesmo tempo oferecendo uma possibilidade educacional. Cabe então ao professor rever sua prática para favorecer os objetivos pedagógicos; para isso deve-se ter professores capacitados, dinâmicos, revendo sua prática educativa, que enfrente os desafios do novo, do diferente e do desconhecido em busca de uma melhor educação.

## **1. INTRODUÇÃO**

Neste início de século XXI, com a melhora das condições de saúde, os avanços da medicina e os métodos de prevenção, maiores foram os avanços no campo das síndromes. Evidenciando este fato, logo se refletiu sobre outro ponto crucial; a qualidade de vida dos portadores de síndromes.

Entre as mais freqüentes síndromes neurológicas situa-se a Paralisia Cerebral que aparece cerca de seis vezes em cada mil crianças nascidas vivas (Leitão, 1971). Os indivíduos acometidos pela paralisia cerebral apresentam grande comprometimento motor, aparecendo assim o espaço de trabalho do profissional de Educação Física na melhora de vida do paralisado.

A Educação Física apesar de atravessar um período fértil de conhecimentos e debates, ainda não consegue inserir-se de uma maneira significativa sob a população brasileira.

### **1.1 PROBLEMA**

Enfocando o trabalho entre a Dança e o Paralisado Cerebral pergunta-se sobre a possibilidade de viabilizar este trabalho através de um programa de aprendizagem que enfoque a melhoria da qualidade de vida dos indivíduos acometidos por esta síndrome.

### **1.2 JUSTIFICATIVA**

Pensando em contribuir com a produção literária referente à educação

especial este trabalho visa analisar a expressão corporal do portador da paralisia cerebral através da dança, sua viabilização e aceitabilidade.

Constata-se que nossa sociedade atual carece de uma nova visão perante os portadores de síndromes. O profissional de educação física que estiver trabalhando com a educação especial deve assumi-la de forma dinâmica e procurar ser ele o primeiro a ver as diferenças não como preconceitos e restrições, mas sim como possibilidades e necessidades de um trabalho alternativo e especializado.

Das pessoas com deficiência deve-se esperar que desempenhem seu papel na sociedade e cumpram suas obrigações como adultos. A imagem das pessoas com deficiência depende de atitudes sociais baseadas em fatores diferentes, que podem construir a maior barreira à participação e à igualdade. Deveríamos ver a deficiência pela bengala branca, as muletas, os aparelhos auditivos e as cadeiras de rodas, mas não pela pessoa. É necessário centrar-se sobre a capacidade das pessoas com deficiência e não em suas limitações. (BRASIL apud FREITAS, 1997: 28).

A dança enquanto parte do enorme conjunto de atividades que formam a educação física deve e pode ser utilizada como meio de trabalho em busca de uma melhor qualidade de vida dos portadores de síndromes. Devido suas características próprias e facilidades na regulação da intensidade e complexidade das atividades, torna-se uma ótima possibilidade de trabalho. Mas para a dança ter um bom resultado no trabalho com portadores de paralisia cerebral é necessário que se tenha um trabalho multidisciplinar, integrando profissionais de áreas afins; como fisioterapeutas, musicoterapeutas, psicólogos, fonoaudiólogos e assistentes sociais. A participação dos pais, no campo da educação especial, representa um progresso significativo, considerando-se que a educação das crianças portadoras de deficiência deve ser vista num contexto mais amplo e abrangente. Estudos com crianças comprovam que, muitas dessas crianças cujas famílias tem interesse ativo em sua educação, conseguem maiores êxitos na escola e se integram mais facilmente do que aquelas cujos pais e

educadores desempenham atividades isoladas. Assim, se reveste de fundamental importância o envolvimento dos pais, dos professores e da comunidade em geral, nos programas elaborados pela escola. Alguns pais não aceitam as limitações dos filhos, rotulando-os de incapacitados; muitos alimentam grandes expectativas quanto a sua profissionalização, enquanto outros, embora investindo no aproveitamento das suas potencialidades, demonstram ansiedade e preocupação quanto às perspectivas de trabalho para eles. Esses sentimentos dos pais interferem na integração social do deficiente, contribuindo para o crescimento de barreiras que dificultam seu desenvolvimento global (SÃO PAULO, 1989).

As atividades com a dança tem um caráter de poder promover à população especial uma melhor integração à sociedade, melhora na condição motora, reintegração familiar e social e domínio do corpo para o desempenho das atividades diversas do cotidiano.

### **1.3 OBJETIVOS**

#### **1.3.1 OBJETIVO GERAL**

Utilizar a dança com o portador de paralisia cerebral como meio de influência na melhoria da qualidade de vida do deficiente e de contribuição para o crescimento dos portadores através de sua expressão na prática educacional e de vida.

### **1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

Observar a influência da dança na conscientização corporal do portador de paralisia cerebral através do aprendizado de movimentos em diferentes relações espaciais e verificar se ele adquire uma imagem consciente do seu corpo nestas condições. Esta proposta visa propiciar o desenvolvimento global para ajudar o indivíduo a adaptar-se à sua deficiência; identificar as necessidades e capacidades de cada indivíduo quanto às suas possibilidades de ação e adaptação para o movimento; facilitar sua autonomia e independência bem como o seu processo de inclusão e aceitação em seu grupo social (FREITAS, 1997).



## **2. REVISÃO DE LITERATURA**

### **2.1 HISTÓRICO DA PARALISIA CEREBRAL**

A deficiência mental, em geral não é condição característica da sociedade moderna. Há inúmeras evidências de que, mesmo em tempos remotos, alguns indivíduos diferenciavam-se dos demais por apresentar uma inteligência inferior àquela considerada normal para os padrões da população que viviam. A forma pela qual estas pessoas eram consideradas ou compreendidas é que sempre variou muito. Sabemos que não raramente algumas culturas antigas, em diversas partes do mundo, sacrificavam as crianças que nasciam com algum tipo de deficiência (BOBATH, 1979).

Até o final do século passado, todos os indivíduos com deficiência mental eram classificados e tratados como que pertencendo a um mesmo tipo de doença ou condição. Não havia o conhecimento de que a redução da inteligência poderia representar um sinal comum a dezenas de situações bastante variadas, decorrentes de uma série muito grande de alterações do sistema nervoso, particularmente o cérebro (FISCHINGER, 1984). Apesar do registro de sua existência, desde a mais primitiva civilização, a primeira descrição de paralisia cerebral só foi apresentada em 1862 por John Little, designando a síndrome de Doença de Little. O termo paralisia cerebral foi sugerido e aceito recentemente para designar um grupo de manifestações neuromotoras e sensoriais que afetam crianças antes do nascimento até os oito anos de idade.

Um dos aspectos mais controvertidos da paralisia cerebral é não só a própria denominação como também sua definição. O termo paralisia cerebral pode ser considerado inadequado porquanto parece significar uma total ausência de função física e mental da criança, o que não corresponde à

realidade. Atualmente procura-se denominar a criança lesada cerebral de criança lesada cerebral ou disfunção cerebral no lugar de paralisia cerebral.

Segundo LEITÃO (1971) a paralisia cerebral é uma enfermidade caracterizada por um conjunto de perturbações motoras e sensoriais, resultantes de um defeito ou de uma lesão do tecido do tecido nervoso contido dentro da caixa craniana que pode ocorrer, antes, durante ou após o parto, até oito anos de idade.

O conceito de paralisia cerebral vem evoluindo e modernamente encara-se a doença como resultante de várias e diferentes lesões encefálicas levando em consideração a existência de perturbações sensoriais que sempre se encontram ao lado dos distúrbios motores na criança lesada cerebral.

## **2.2 CLASSIFICAÇÃO DA PARALISIA CEREBRAL**

Paralisia Cerebral é um termo que se aplica a um grupo de situações que têm as características comuns de: comprometimento do controle motor; resultante de distúrbios funcionais do cérebro; com origem no período de crescimento e desenvolvimento do cérebro (até os oito anos de idade); que não tem caráter progressivo (BESMAJIAN, 1980).

A melhor compreensão dos quadros clínicos da paralisia criou facilidade para descobri-la e pesquisá-la em suas implicações sociais e econômicas. Nos últimos vinte anos esclareceram-se pontos relevantes a respeito da evolução, do tratamento e da etiologia da doença.

A seguir quadros ilustram uma das diversas maneiras de classificar o portador de paralisia cerebral.

Quadro 1: Classificação Topográfica, LEITÃO (1971).

Classificação Topográfica	
Paraplégicos	Deficiência em ambos membros inferiores
Triplégicos	Deficiência rara em ambos membros inferiores e um superior ou ao contrário
Quadriplégicos	Deficiência em ambos membros superiores e inferiores
Hemiplégicos	Deficiência em apenas um lado dos membros ( direito ou esquerdo )
Monoplégicos	Deficiência rara em apenas um membro superior ou inferior

Quadro 2: Classificação Sintomática, LEITÃO (1971).

Classificação Sintomática	
Espástico	Apresenta hipertonia muscular
Atônico	Apresenta hipotonia muscular
Atetóide	Apresenta movimento involuntário das extremidades dos membros afetados
Tremor	Apresenta incoordenação momentânea do movimento
Misto	Apresenta oscilação entre hipotonia, normal e hipertonia
Rígido	Apresenta tônus muscular constantemente hipertônico

Quadro 3: Classificação do Grau de Incapacidade, LEITÃO (1971).

Classificação do Grau de Incapacidade	
Mínimo	Não há sintomatologia evidente sendo necessário exame minucioso
Leve	Pode haver quebra fácil de padrão de movimento
Médio	Já possui algum padrão de movimento que com o tempo pode ser modificado
Grave	Possui padrão maduro de movimento que dificilmente pode ser modificado

Já MENKES, (1984) divide a Paralisia Cerebral em:

- Paralisia Cerebral Espástica:

1. Tetraplegia espástica: refere-se a crianças que possuem um aspecto clínico correspondente à "rigidez espástica" e são gravemente afetados. Os portadores apresentam aumento generalizado do tônus muscular, com rigidez muscular tanto na flexão como à extensão dos membros. Em geral, o comprometimento da motilidade é mais acentuado nos membros superiores observando-se poucos movimentos espontâneos. Há também a dificuldade na deglutição e constante aspiração de alimentos. O comprometimento da inteligência é acentuado.

2. Paraplegia espástica: caracterizada pela presença de espasticidade bilateral sendo mais intenso o comprometimento dos membros inferiores. Em geral o retardo mental é tanto maior quanto mais grave for o déficit motor.

3. Hemiplegia espástica: refere-se à paralisia unilateral, quase sempre afetando mais o membro superior em comparação ao inferior; acompanha-se de certo grau de espasticidade e de contratura em flexão dos membros afetados.

- Paralisia Cerebral Extrapiramidal: caracterizada pela presença de diversos tipos de movimentos involuntários, geralmente atribuídos à lesão do sistema motor extrapiramidal. Este quadro clínico evolui de maneira gradativa começando pela hipotonia muscular generalizada com hiperreflexia.

- Formas Mistas: apresentam uma combinação de espasticidade com movimentos extrapiramidais manifestadas por posições atetósicas.

O comprometimento muscular e motor são bases para a classificação do portador de paralisia cerebral, porém a paralisia cerebral é diferente em cada criança. Diferentes especialistas elaboram diferentes maneiras de descreve-la, mas não devemos se preocupar em rotular o tipo de paralisia cerebral que uma criança tem e sim reconhecer as três principais formas de paralisia cerebral que geralmente manifestam-se combinadas (WERNER, 1994).

## **2.3 A DEFICIÊNCIA MOTORA NO PORTADOR DE PARALISIA CEREBRAL**

Na paralisia cerebral a lesão interfere na seqüência do desenvolvimento. Os sintomas do retardo motor são seguidos, cedo ou tarde, pelo aparecimento de padrões anormais de postura e de movimento, em associação com o tônus postural anormal. Com o gradual surgimento da atividade tônica reflexa, as atividades extensora e flexora tornam-se mais fortes, nas posições supina e prona respectivamente. O portador geralmente não desenvolve o tônus postural contra a gravidade como acontece numa pessoa normal fazendo com que seu corpo siga a direção da gravidade.

A sintomatologia motora, segundo BESMAJIAN (1980), pode variar dependendo das estruturas do sistema nervoso central cuja função está comprometida e do seu papel na aquisição, manutenção e controle da atividade motora afetada. Devemos reconhecer que a paralisia cerebral é uma situação complexa que tem efeitos não apenas sobre o crescimento e o desenvolvimento físico, mas também sobre a destreza, a personalidade, a capacidade cognitiva, as atitudes sociais e pessoais, as emoções e a interação com a família.

GESSEL e colaboradores, citado por BESMAJIAN (1980), estabeleceram os princípios, solidamente fundamentados, de crescimento e de desenvolvimento que se processam numa seqüência regular de capacidades motoras. Na criança normal, o desenvolvimento motor é marcado por uma seqüência regular segundo a qual os reflexos aparecem, amadurecem e desaparecem quando outros, mediados a um nível mais elevado, se tornam evidentes. Nas crianças com anormalidade motoras, a relação entre os reflexos específicos mantém-se, mas há uma grande tendência para os reflexos primitivos persistirem e para ser retardado o

aparecimento da atividade reflexa de níveis mais elevados (PAINÉ apud BESMAJIAN, 1980).

Segundo MC GRAW, que havia muito mais cedo constatado que uma função motora específica aparecia como um reflexo e enfraquecia gradualmente a medida que ocorria o amadurecimento. Quando o controle volitivo se afirma, a força da atividade e a sua eficácia aumentam ainda mais, porque é usada num contexto funcional, excedendo eventualmente os níveis de reflexo original (BESMAJIAN, 1980). Estes estudos realçam que a atividade reflexa representa um componente simplificado ou uma subrotina da atividade motora, que é desencadeado pela exposição à um estímulo sensorial específico. À medida que o indivíduo amadurece, a repetição das experiências proporciona oportunidades para a utilização destas atividades num papel funcional para sua supressão nas situações sem finalidade. A subrotina mantêm-se como um componente da atividade funcional, mas é inibido o seu desencadeamento obrigatório por um estímulo específico. Essencialmente isto pode ser visto como um processo de condicionamento clássico, em que uma atividade específica é desencadeada em resposta a um novo estímulo através da experiência e a inibição da resposta a estimulação específica representa habituação a um estímulo não significativo ou compensador.

Afirma BURNER por BESMAJIAN (1980), que para se executar um ato motor com destreza, todos os componentes necessários precisam estar disponíveis antes que possam ser integrados ao processo total. No desenvolvimento da habilidade motora ocorre um aperfeiçoamento gradual pela modelação dos componentes do movimento pela tentativa continuada e pela experiência. A integração destes componentes múltiplos preexistentes num único movimento organizado pode ocorrer muito subitamente, por fases mais do que gradualmente. Os componentes unitários básicos provêm de padrões congenitamente estruturados que são utilizados no decurso dos movimentos espontâneos ou estimulados. Estes evoluem gradualmente para

atividades exploratórias quando resultam conseqüências. À medida que o repertório aumenta desenvolvem-se combinações que adquirem atributos funcionais adicionais, contribuindo para a formação de padrões de destreza.

Desta maneira conclui-se que, quando não estão disponíveis as subrotinas ou componentes dos movimentos de destreza, devido a defeito inerente na capacidade exploratória, é necessário executar procedimentos de treinamento especializados, para definir movimentos unitários mais pequenos que sejam acessíveis e construir, combinando estas unidades, numa situação de aprendizagem com instruções, os componentes que o indivíduo não foi capaz de desenvolver na ausência da exploração espontânea que ocorre normalmente.

Os componentes motores utilizados pelo indivíduo em desenvolvimento incluem grandes padrões motores generalizados, previamente adquiridos ao acaso e espontaneamente ou no decurso da exploração constante do indivíduo normal. Incluem também reflexos organizados no desenvolvimento, desencadeados por estimulação apropriada.

O trabalho de BURNER apud BESMAJIAN(1980) sugere também que, depois de estas atividades unitárias terem sido sintetizadas ou integradas numa atividade funcional o indivíduo empenha-se em execuções repetitivas nas quais adquire o domínio do novo padrão complexo e adquire rapidez, a força e a precisão, sob forma de um aperfeiçoamento gradual da habilidade ou destreza.

Um processo patológico que dá origem a uma lesão ou a uma disfunção cerebral na área da atividade motora é provável que cause também perturbações em outras áreas, assim, embora se tenha escolhido especificamente a função do controle motor para definir a paralisia cerebral, muitos indivíduos tem perturbações auditivas, na fala, diminuição da função cognitiva, capacidade de atenção, emoções e muitas vezes estes entre outros aspectos possuem papel determinante pois modificam de maneira significativa

as condições sob as quais a aprendizagem pode ser mais bem feita, bem como o nível final que ela pode atingir.

Apesar do comprometimento mental e motor estarem presentes no portador de paralisia cerebral a atividade física não pode perder sua importância.

## **2.4 A EDUCAÇÃO FÍSICA**

É de grande importância que a criança tenha a maior quantidade de experiências de movimento e de forma diversificada, onde sejam favorecidas as mais variadas formas de atividades. O corpo humano, com seus movimentos, é o instrumento através do qual se realiza o que fazemos: conhecer o mundo, os objetos, realizar ações, conhecer e relacionar-se com outros seres (FONSECA, 1996). Pode-se dizer que todas as forças de relacionamento e conhecimento estão ligadas à ação corporal. É desta maneira que uma criança vai organizando sua capacidade motora de acordo com a maturação nervosa e dos estímulos do ambiente.

Sabe-se que a criança não tem somente a necessidade de movimento físico e exercício porque seu desenvolvimento mental está ligado com à atividade motora, mas também pela oportunidade de descoberta do meio e de suas verdadeiras capacidades.

A educação do corpo está intimamente ligada às atividades psicomotoras que caracterizam o homem e, portanto, aos meios essenciais da educação física, considerada por muitos como arte ou ciência. Como arte porque busca o aperfeiçoamento, o embelezamento do corpo, como ciência, porque se preocupa através de normas higiênicas e biológicas em proporcionar uma perfeita integração funcional entre o físico e a mente (FONSECA, 1996).



Para que a educação física contribua para o desenvolvimento adequado das crianças é preciso que ela abandone a ênfase excessiva sobre o sistema muscular, para adotar um enfoque onde todos os mecanismos envolvidos e os fatores que afetam o funcionamento destes mecanismos sejam convenientemente trabalhados e desenvolvidos.

Segundo TOSCANO (1974), "a educação física é definida como um conjunto de atividades físicas, metódicas e racionais, que se integram ao processo de educação global, visando ao pleno desenvolvimento do aparelho locomotor, ao desempenho normal das grandes funções vitais e ao melhor relacionamento social".

NEGRINE (1983) afirma que "uma educação física bem orientada progressiva e sistemática tem unicamente a finalidade de auxiliar o desenvolvimento físico e mental da criança e, ao mesmo tempo, de oferecer pré-requisitos para seu desenvolvimento intelectual".

A finalidade dos exercícios é ajudar o indivíduo com paralisia cerebral a adquirir ou aprender novas capacidades motora e a desenvolvê-las até um nível funcional de desempenho (BESMAJIAN, 1980).

Empenhada em solucionar sobre o sistema de aprendizagem dos portadores de deficiência a educação física adaptada propõe procedimentos de aprendizado viáveis a estas pessoas.

#### **2.4.1 A EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA**

Historicamente as pessoas portadoras de deficiência que participavam de atividades físicas inicialmente tinham um enfoque médico, chamado de ginástica médica e tinham como objetivo remediar doenças, utilizando para tato exercícios corretivos e preventivos (FONSECA 1996). Estes programas de ginástica médica tiveram sua origem na China em 2700 a.C., se

propagaram e sofreram influências de diversas culturas, dando origem a propostas que são encontradas na literatura sob a denominação de educação física corretiva, preventiva, ortopédica, terapêutica, entre outros.

O termo educação física adaptada foi definido pela "Americam Association for Health, Physical Education Recreation and Dance" (AAHPERD), na década de 50, como sendo um programa diversificado de atividades desenvolvidas, jogos, ritmos adequados ao interesse, capacidade e limitações de estudantes com deficiência que não podem se engajar na participação irrestrita segura e bem sucedida em atividades vigorosas de um programa de educação física geral. Ao se tratar de educação física para alunos portadores de deficiência, pode-se dar dois enfoques: educação física especial e educação física adaptada (FONSECA, 1996).

Para KREBS (1984:40) educação física especial é:

"um conjunto de atividades físicas, planejadas especificamente atendendo as necessidades daqueles alunos cujas limitações físicas sensoriais e/ou intelectuais não lhes permitem participar das atividades regulares de educação física, mesmo que as mesmas sofram "adaptações", e educação física adaptada como "as adaptações possíveis de se fazer em um programa normal de educação física, a fim de que os alunos com certas limitações físicas, sensoriais e/ou intelectuais possam tomar parte neste programa".

Basicamente pode-se entender que a educação física especial está voltada para alunos que possuem limitações físicas, sensoriais e/ou intelectuais não lhes permitindo freqüentar uma classe normal de educação física, sendo reunidos então em uma mesma turma ou em um subgrupo, exigindo professor especializado, além de supervisão do departamento médico. Segundo a CRDE (1994), a educação física adaptada deve facilitar a integração social o estimulando sempre a cooperar; deve dar tempo para a execução das atividades recorrendo predominantemente à tarefas concretas e funcionais através de um ensino individualizado, sempre que possível; estabelecer um ritmo adequado para a sua aprendizagem; insistir na importância da educação física e suas atividades para a vida diária; promover

ampos contatos da turma com o meio extra escolar; procurar estabelecer com a família um programa em comum e estimular a independência do aluno de maneira que ele possua um sentimento de integridade e autonomia.

Os programas de atividade física para deficientes mentais buscam trabalhar suas capacidades, considerando suas limitações e necessidades individuais. Os objetivos básicos de um programa de educação física adaptada para portadores de deficiência mental são: desenvolver e/ou adquirir capacidade física e habilidade motora, buscar maior equilíbrio pessoal do indivíduo, conseguir hábitos de comportamento que assegurem certa autonomia e independência, desenvolver atitudes que facilitem a integração social do sujeito (BUENO e RESA apud FREITAS, 1997: 30).

A educação física para os deficientes mentais tem como objetivo a utilização do movimento como elemento educativo favorecendo a formação integral do indivíduo. Segundo BUENO e RESA apud FREITAS, 1997: 38, a atividade física permite a estes sujeitos superarem mais facilmente as dificuldades do meio e ao mesmo tempo obterem melhor adaptação. Os autores colocam que a atividade física proporciona alguns benefícios entre eles: melhoria do equilíbrio psicológico, da relação com seu meio; restabelecimento muscular, desenvolvimento da coordenação neuromuscular; melhoria das habilidades motoras; autoconfiança; desenvolvimento da expressividade, criatividade, espontaneidade e socialização que são os principais ingredientes para a integração.

Entre as inúmeras possibilidades de atuação da educação física na formação de um indivíduo encontra-se o trabalho com a dança.

## **2.5 A DANÇA**

A dança, arte mundialmente programada, é derivada dos movimentos

naturais como, por exemplo, o andar. MORATO (1987:169), considera a dança como "a expressão através dos movimentos do corpo, organizados em seqüências significativas", ou até como um meio de comunicação com o mundo externo sem a utilização da palavra e sim de gestos ritmados.

FARO (1986) cita que a dança é uma arte viva, cheia de energia e juventude. Ela busca o uso do movimento como forma de expressar tudo e o homem durante séculos vem fazendo uso da dança como meio para manifestar sua religiosidade (candomblé), sua cultura (folclore), e seus sentimentos.

No período pré-histórico o homem dançava para saudar seus deuses em forma de agradecimento ou pedindo proteção, com isso ele mostrava toda sua agilidade em movimentos, que de uma forma ingênua era um treinamento de sobrevivência. Nos dias atuais, teoricamente, o homem não faz mais todo esse ritual de proteção dos deuses, mais uma coisa permanece, o movimento que continua sendo um dos princípios para a sobrevivência do homem na terra, ele é toda uma resposta de estímulos que recebe do meio ambiente, ROSADAS (1991) define que "a motricidade e a sensibilidade são importantes para a nossa sobrevivência no meio ambiente. Não há ação motora sem estimulação. Motricidade e sensibilidade se interligam como fatores básicos no desenvolvimento do homem".

Vários aspectos favorecem a escolha da dança como um dos conteúdos a serem trabalhados com classes especiais. Para o ensino da dança, há que se considerar que seu aspecto expressivo se confronta, necessariamente, com a formalidade da técnica para sua execução.

... os movimentos do corpo humano estão submetidos às leis do movimento inanimado. O peso do corpo segue a lei da gravidade. O esqueleto do corpo pode ser comparado a um sistema de alavancas que faz com que se alcancem, no espaço, as distâncias e se sigam as direções. Estas alavancas são acionadas por nervos e músculos que providenciam a força necessária para superarmos o peso das partes do corpo que se movem. A fluência do movimento é controlada por centros nervosos que reagem aos estímulos internos e externos. Os movimentos se processam durante algum tempo, e podem ser medidos com exatidão. A força propulsora do movimento é a

energia desenvolvida por um processo de combustão no interior dos órgãos corporais. O combustível consumido neste processo é o alimento. Não resta dúvida quanto ao aspecto puramente físico da produção de energia e de sua transformação em movimento. (LABAN, 1978:49)

Isto pode vir a esvaziar o aspecto verdadeiramente expressivo. Nesse sentido deve-se entender que a dança como arte não é uma transposição da vida, senão sua representação estilizada e simbólica.

A utilização da dança com alunos portadores de paralisia cerebral deve considerar que não poderá ter os mesmos critérios que tem com outros alunos.

### **2.5.1 A DANÇA APLICADA AO PORTADOR DE PARALISIA CEREBRAL**

A dança vem acompanhando a evolução do homem através da história, onde esta interpretava o seu estado de espírito por meio de gestos e movimentos acompanhados de músicas e canto. A música na dança surge como um auxílio na execução do movimento corporal; movimento que pode ser ensinado separado do ritmo, e depois de automatizado, inclui-lo ao ritmo; que segundo PALLARES (1983) é vibração, define o movimento natural, é peculiar a cada indivíduo, está de acordo com a percepção pessoal, pode ser interno e externo.

A dança como proposta de atividade física educativa e recreativa, executada no solo visa desenvolver boas condições físicas e ajudar a melhorar habilidade de locomoção para que o portador a executar atividades funcionais. Atividades no solo para portadores de deficiência são direcionados não só para a obtenção de força mais também para o desenvolvimento do equilíbrio, coordenação e velocidade. (PALMER & TOMS, 1988).

O portador de deficiência precisa se movimentar para evitar as escaras e ter uma vida mais ativa. Segundo SÃO PAULO (1989), a dança com atividades no solo tem o objetivo de ensinar:

- mudança de decúbito: ventral para dorsal e de dorsal para sentado;
- equilíbrio sentado: movendo o tronco e\ou os braços;
- movimentar-se em todas as direções sentados;
- manejar as extremidades;
- alongamento: passivo e ativo;
- oportunizar atividades coletivas, como jogos com bola para equilíbrio e coordenação.

A criança pode aprender a reconhecer a estreiteza e a amplitude, e todos os diferentes lugares em torno do seu corpo para onde quer deslocar-se. A aprendizagem da dança, desde suas primeiras etapas, tem como principal objetivo ensiná-la a viver, mover-se e expressar-se no ambiente que rege sua vida, e nisso, o mais importante é o seu próprio fluxo de movimento. Este fluxo se desenvolve com lentidão e, em muitos casos, não chega a bom termo. Se um criança tem bom fluxo, encontra-se em harmonia perfeita com todos os fatores do movimentos e está felizmente adaptada a vida, tanto no aspecto físico como mental. No entanto, isto não ocorre se não há um desenvolvimento de seu fluxo natural. (LABAN,1990).

Essas atividades de reabilitação associadas ao ritmo são pelo praticante, em dança, de um lado educativo onde o portador aprende movimentos que auxiliie na execução de tarefas diárias, e de outro recreativo tornando a atividade agradável. Em atividades grupais, o ritmo favorece a linguagem e a comunicação, ou seja, é um estímulo. Na interpretação de ROSADAS (1991) toda e qualquer ação motora é resultado de uma estimulação. Os grupos homogêneos podem aumentar sua atitude individual em relação à reabilitação pelo contato com outras pessoas que tem o mesmo problema.

Afirma LABAN,1990 que a dança alivia a sensação de mal-estar provocada pela repressão dos movimentos do corpo que ocorre quando se põem em ação articulações isoladas. Assinalamos que esta é uma das causas do impulso de dançar. Existe outra causa, não menos imperiosa, como a agitação geral do corpo para a qual a dança oferece um escape que consiste numa série repetida de esforços simultâneos que estão delicadamente equilibrados entre si, equilíbrio que traz um prazer estético, como a disposição das cores num quadro ou a harmonia dos sons da música.

O homem se movimenta a fim de satisfazer uma necessidade. Com sua movimentação tem por objetivo atingir algo que lhe é valioso. O movimento portanto revela muitas coisas diferentes. É o resultado, ou da busca de um objeto dotado de valor, ou de uma condição mental. Suas formas e atitudes mostram a atitude da pessoa que se move numa determinada situação. Pode tanto caracterizar um estado de espírito e uma reação, como atributos mais constantes de personalidade. O movimento pode também ser influenciado pelo meio ambiente do ser que se move (LABAN,1978).

As atividades com a dança devem ser aplicadas com consciência pelo profissional responsável que deve estar ciente dos efeitos do movimento sobre seu aluno.

## **2.6 CUIDADOS NA APLICAÇÃO DE ATIVIDADES EM PORTADORES DE PARALISIA CEREBRAL**

A atividade motora possui papel importante na vida do portador de Paralisia Cerebral, pois visa seu desenvolvimento físico, social e emocional. Ao se aplicar qualquer tipo de atividade a portadores de deficiência é necessário ter em vista alguns aspectos.

A escolha de atividades em função do comprometimento motor, idade cronológica e desenvolvimento intelectual; adaptação dos alunos a atividades de maneira que todos participem com interesse, não causando frustração em alunos mais comprometidos ao ponto de vista motor, dando oportunidade para que os mais desenvolvidos alcancem metas mais complexas; adaptação de recursos materiais para possibilitar o aumento do número de experiências dos alunos; avaliação do desempenho evidenciando modificações no comportamento do aluno (SESI\SEDES - MEC, 1994).

Respeitando o ritmo e os limites do portador de Paralisia Cerebral é possível desenvolver através da prática de atividades motoras a coordenação, o equilíbrio e força, a destreza, a resistência, a precisão, a noção de tempo e espaço, melhorando assim o seu desenvolvimento integral. Desenvolvendo estas capacidades ficará mais fácil a adaptação do portador com o meio físico que está inserido. Ao se preparar uma atividade motora é necessário se ter como objetivo o bem estar e a constante motivação do portador levando em consideração que atividades de alto impacto não devem ser realizadas em alunos com hiperplasticidade articular e também as que envolvam pressão sobre os músculos da cabeça e pescoço em alunos com hipotonia muscular generalizada. (MENKES, 1984).

No momento da prática da atividade física, como PEDRINELLI apud FREITAS, 1997:39, o deficiente mental encontra dificuldade em relação à execução da ação motora devido à ineficácia no processamento de informações. Os deficientes mentais têm dificuldade para manter atenção, antecipar e selecionar estímulos ou respostas. A capacidade de canalizar e processar é mais lenta e limitada no deficiente mental que no sujeito normal, tendo mais dificuldade para reconhecer os estímulos relevantes da tarefa proposta para aprendizado. Para tanto, conforme FREITAS, (1997) o educador, no momento de aplicar as atividades terá que tomar alguns cuidados:

- as atividades devem ser cuidadosamente selecionadas de acordo com o nível de desenvolvimento geral dos indivíduos, considerando o princípio da individualização;



- usar de maior criatividade, propondo atividades interessantes que chamem a atenção dos indivíduos;
- quando necessário fazer adaptações nas atividades, principalmente quanto ao tempo e regras;
- não subestimar sua capacidade;
- evitar situações frustrantes;
- quando a atividade representar certa complexidade deve-se procurar desenvolvê-la lentamente e em partes;
- evitar instruções longas do tipo verbal, dando orientações claras e breves;
- quando necessário utilizar demonstrações.

Através destas condutas o educador terá maior probabilidade de alcançar seus objetivos propostos. Os apontamentos acima encaixam-se com as necessidades de adaptação do ensino para o portador de deficiência. Com base nesta proposta de ensino-aprendizagem torna-se indispensável a verificação de sua usabilidade no cotidiano das escolas e instituições especializadas.

### **3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Para o desenvolvimento deste trabalho torna-se indispensável a pesquisa bibliográfica abrangendo a bibliografia relacionada ao tema de estudo colocando o pesquisador em contato direto com o que foi escrito sobre o assunto e áreas afins; e a pesquisa de campo utilizada com o objetivo de conseguir informações acerca do problema consistindo na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem na coleta de dados.

O trabalho consta do acompanhamento de aulas direcionadas à dança para que se possa relacionar a literatura com a observação, elaborar uma proposta do processo ensino-aprendizagem da dança dentro das aulas de educação física para os portadores de paralisia cerebral e conseqüentemente analisar o que ocorre nesta prática. Para isto fez-se necessária a escolha dos portadores que poderiam participar das atividades e que tenham condições mínimas de locomoção e raciocínio.

#### 4. DISCUSSÃO

O homem em seus esforços para melhor entender a mais completa e sofisticada de todas as criaturas, empregou todo tipo de experimentos, testes e pesquisas na busca contínua do autoconhecimento. A sociedade o treinou e o preparou, dissecou e experimentou, mas um entendimento de um mecanismo de aceitação, aceitação do eu e de outros ainda os ilude. Parece obvio que um indivíduo funciona satisfatoriamente dentro de seu ambiente quase em relação direta com a sua habilidade de aceitação de outras pessoas, da capacidade dos outros em aceitá-lo e de sua tolerância em aceitar a si próprio. A necessidade é a mesma para o deficiente; somente o método é alterado. A sociedade permanece inflexível, demandando as mesmas obrigações de um deficiente como de uma pessoa dita normal. Parece não haver muitas alternativas para resolução destes problemas. Os efeitos sociais e psicológicos que acompanham alguns deficientes podem criar maiores problemas do que realmente a incapacidade física. O objetivo primário quando se trabalha com deficientes, deve ser dirigido para as qualidades mais similares a aquelas de uma pessoa normal. Ao se colocar em foco uma alteração aberrante, estaremos apenas alienando o deficiente e diminuindo a possibilidade de levá-lo a ter uma vida normal. O deficiente, como indivíduo, apesar de sua limitação, possui as mesmas necessidades básicas de uma pessoa normal. Apesar de sua aparência física, ele também quer ter sucesso, reconhecimento, aprovação e ser desejado. O deficiente necessita de uma oportunidade especial para uma auto-exploração, de modo a tornar-se envolvido com alguma coisa e aceito pela sociedade. A sua incapacidade não evita que ele obtenha sucesso e ganhe reconhecimento. A sociedade tem uma obrigação e um desafio especial ao considerar as necessidades, de modo a preservar, da melhor maneira possível, a sua integridade moral e sua dignidade.

O trabalho do profissional na área da educação física é promover a auto-aceitação e a confiança que permitirão à pessoa desenvolver as habilidades e talentos que compensam a sua deficiência física; deve-se persuadir o deficiente de que todas as tentativas são válidas, mesmo que o sucesso não seja mensurável.

Devemos saber é que mesmo entre as pessoas “normais” existem as variações individuais e ao mesmo tempo acontece em relação às pessoas portadoras de deficiência. Portanto, cada um tem suas características próprias e seu ritmo de desenvolvimento. Existem também aquelas que apresentam uma dificuldade de maior aprendizado. Esses indivíduos são também muitas vezes discriminados por não pertencer ao modelo padrão estabelecido pela sociedade. O mesmo acontece, em maiores proporções ao indivíduo deficiente. Rotular estas pessoas de treináveis acredito que seja uma classificação ultrapassada, já que esta classificação referiu-se a uma época que os portadores eram isolados da sociedade e não tinham oportunidade de receber estimulação capaz de favorecer seu controle neuro-motor. “Os portadores nunca haviam sido submetidos a um trabalho escolar e acreditava-se que eram desprovidos de inteligência, mas experiências demonstram que numa atmosfera de aprendizagem adequada, adquirem desenvolvimento jamais imaginado”. (WERNEK, 1993:52).

Os principais aspectos de observação foram o que o aluno conseguia fazer relacionado aos seus movimentos; como ele se movia e trocava de posições; o que não conseguia realizar e o que o impedia. Em visita à escola de ensino especial Nabil Tacla tive o primeiro contato com uma turma de deficientes que participavam então de uma aula direcionada à dança e teatro. A turma trabalhava com alunos de diversas deficiências. Os alunos foram selecionados de acordo com sua capacidade de movimentação; idade cronológica e nível de desenvolvimento, em sua maioria eram monoplégicos, diplégicos ou paraplégicos. Os encontros aconteciam uma vez por semana com duração de 50 minutos. Nos contatos seguintes pude observar o trabalho

prático com a dança. As aulas compunham-se de um momento inicial de alongamento e aquecimento e posteriormente de exercícios específicos para cada aluno de acordo com seu papel dentro da composição coreográfica. Os movimentos eram direcionados ao aluno devido sua função. Os outros alunos da instituição não participavam da atividade, ocupando então seu tempo com outras atividades esportivas aplicadas por outro profissional.

O profissional responsável pelas aulas de dança é licenciado em educação física desde 1988. Seu nível de experiência com deficientes é amplo, porém metódico e sem constantes atualizações. O nível de motivação da turma era bom. Eram interessados pelas atividades até mesmo porque se não estivessem participando daquela aula teriam que participar das atividades esportivas corriqueiras da escola.

Os exercícios eram executados no solo e sob a cadeira de rodas, ou também alternando com subida e descida da cadeira. No solo os movimentos dos membros inferiores eram realizados com auxílio das mãos e braços por aqueles que possuíam dificuldades locomotoras (paraplégicos), ou pelos alunos que não possuíam limitação física que podiam realizar sem maiores dificuldades os movimentos propostos. Sob a cadeira de rodas os movimentos direcionavam-se à mudanças de posições do corpo; sentado, de lado; de costas; de cabeça para baixo, combinados à movimentos de braços e cabeça. Os alunos conseguiam realizar os movimentos propostos apenas não conseguindo permanecer muito tempo na mesma posição devida falta de força muscular localizada. As mudanças de posição de decúbito ventral para dorsal e vice-versa, e de deitado para sentado também não apresentavam dificuldades de execução. Estas posições conseguiam ser executadas com apoio no solo pelas mãos ou com rolamentos laterais seguidos de flexão abdominal auxiliada pelos braços no solo. A maior dificuldade estava em realizar movimentos de suspensão em relação ao solo pela própria falta de controle neuro-motor e conseqüentemente de força muscular em determinadas regiões musculares. A presença da música era constante

durante a atividade sendo ela gravada ou feita ao vivo através de instrumentos de percussão.

O trabalho de observação complementa a revisão bibliográfica trazendo subsídios para a proposta da aplicação de atividades com portadores de paralisia cerebral. Frente à análise pela observação da conduta do processo ensino-aprendizagem da dança com portadores de paralisia elaborou-se uma sugestão através de conteúdos, em anexo, a serem trabalhados nos planos de aula que preservam um objetivo em comum.

Constata-se na prática analisada uma coerência relacionada à literatura porém com algumas discrepâncias. Em relação ao número de aulas semanais disponíveis na instituição; se para um aluno normal compreender as atividades já é necessário no mínimo duas aulas semanais, com portadores de limitações físicas seria ideal no mínimo três encontros semanais e se possível diariamente. Também a mistura de deficiências na turma era constante o que pode prejudicar o desempenho do aluno e a quantidade de atenção oferecida a ele durante a aula. A turma trabalhava com oito, às vezes até mesmo dez alunos por aula; acredito ser um número grande de alunos para apenas um profissional realizar este tipo de atividade que necessita essencialmente ser direcionada e individual. Os movimentos propostos que envolviam subida e descida da cadeira de rodas deveriam ser repensados pois podem causar desgastes articulares nos ombros que sofrem sobrecarga.

## 5. CONCLUSÃO

As atividades físicas devem ser oferecidas no mínimo em três encontros semanais e se possível diariamente na escola com o objetivo de atender às necessidades do desenvolvimento psicomotor e global dos alunos deficientes. Os alunos que participam regularmente das atividades devem estar supervisionados e orientados por adultos competentes.

Cada atividade proposta deve ter seu objetivo específico, no entanto, deve ter como objetivo geral a socialização da pessoa, despertando sua criatividade e oferecendo oportunidade de organização de atividades em grupo, além de favorecer o desenvolvimento nas áreas de linguagem, cognitiva e psicomotora.

Uma pessoa com deficiência mental levará maior tempo para adquirir um aprendizado do que uma pessoa considerada normal, mas isto não significa que ela seja incapaz de chegar ao mesmo estágio desde que haja uma elaboração conveniente do planejamento das atividades. A educação física adaptada pode fortalecer o processo de aprendizagem lentificado pela síndrome numa maneira adequada que possibilite melhorar sua qualidade de vida.

Os métodos de ensinar na educação física definem-se como meios que ajudam o professor e o aluno a alcançarem o objetivo determinado. Na prática empregam-se muitos métodos: explicação oral do professor, observação dos alunos, demonstração dos exercícios, explicação de técnicas, finalmente, as metodologias sintética e analítica. Todos esses métodos são úteis para o ensino. Sabe-se que alguns exercícios são assimilados com o modo analítico e outros com sintético seja em explicações exposições ou demonstrações. No método sintético o aluno realiza o exercício ou movimento sem movimentos preparatórios introdutórios, já no método analítico o exercício é fracionado em suas partes componentes através de exercícios auxiliares que devem ser análogos quanto a estrutura do movimento principal. É interessante que se

trabalhe com exercícios seguindo uma dificuldade crescente, tanto no que se refere a complexidade de coordenação como na dificuldade de execução.

Alguns princípios devem tornar o trabalho proposto como a acessibilidade e a individualização. As tarefas propostas devem ser possíveis de realização requerendo que os planos de trabalho estejam estritamente ligados às regras didáticas do ensino; passar do fácil para o difícil, do conhecido para o desconhecido e do simples para o complexo. A sistematização pela organização periódica das atividades se faz necessária para que durante um período sejam alcançadas metas, e a progressividade que assegura o melhoramento da expressão técnica e subjetiva dos movimentos. O trabalho com portadores de deficiência é polifacético e só com uma adequada planificação poderá se obter um progresso.

Uma boa estruturação e utilização do esquema corporal contribuem diretamente à adaptação do sujeito no espaço e no tempo, contribuindo para uma disposição corporal mais adequada para a realização de diferentes atividades, porém o descaso em nível de planejamento social prejudica a participação das pessoas portadoras de deficiência em atividades físicas pela falta de estrutura físico-espacial ao depararem com barreiras arquitetônicas.

A dança é uma proposta de trabalho viável para os portadores de paralisia cerebral. Movimentar-se através da dança, além do valor educativo e social, estimula e desencadeia todas as qualidades do educando. O movimento interfere no hábito e que sem dúvida poderá modificar e beneficiar positivamente o comportamento do indivíduo. Com a prática da dança o que se busca é uma melhor consciência e controle corporal, dentro de uma visão de corporeidade, onde cada movimento deve ser percebido, interiorizado e analisado. Isto levará o indivíduo a adquirir um melhor conhecimento do próprio corpo, favorecendo assim a descoberta de novas possibilidades. Também faz com que exteriorizem sua energia, sua emoção, tudo aquilo que têm de desejo, de vontade, de alegria, rompendo todo o bloqueio introspectivo e dando sentido a aquilo que realizam.



## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARCHER, Ricardo Battisti. Educação física em educação especial: enfoque sobre a educação aplicada em deficientes mentais. Curitiba 1995. Monografia UFPR.
- BESMAJIAN, John V. Exercícios terapêuticos para a Paralisia Cerebral. 3.ed. São Paulo: Manole, 1980.
- BOBATH, Karel. A deficiência motora em pacientes com paralisia cerebral. São Paulo: Manole, 1979.
- CORDE – Coordenadoria nacional para integração da pessoa portadora de deficiência. Escola para todos. 2.ed. Brasília: Corde, 1994.
- FISCHINGER, B. S. Consideração sobre a paralisia cerebral. São Paulo: Panamed, 1984.
- FONSECA, Sheila Mara Maria da. A educação física adaptada. Curitiba, 1996. Monografia UFPR.
- FREITAS, Patrícia S. de; CIDADE, Ruth Eugênia A. Noções sobre educação física e esporte para pessoas portadoras de deficiência. Uberlândia: Breda, 1997.
- KREBS, Rui Jornada. A educação que eles merecem. Brasília: SEED, 1984.
- LABAN, Rudolf. Dança educativa moderna. São Paulo: Ícone, 1990.
- \_\_\_\_\_. Domínio do movimento. 3.ed. São Paulo: Summus, 1978.
- LEITÃO, Araújo. Paralisia cerebral. Rio de Janeiro: 1971.
- MENKES, John H. Tratado de neuropediatria. 2.ed. São Paulo: Manole, 1984.
- MORATO M. E. P. Ginástica de Jazz: a dança na educação. São Paulo: Manole, 1986.
- NOT, Louis. Educação dos deficientes mentais. 2.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.
- PALLARES, Zaída. Ginástica Rítmica. 2.ed. Porto Alegre - Rio de Janeiro : Globo, 1983.

PALMER, M. Lynn; TOMS, Janice E. Treinamento funcional dos deficientes físicos. 2.ed. São Paulo : Manole, 1988.

ROSADAS, Sidney de C. Educação física especial para deficientes: fundamentos da avaliação e aplicabilidade de programas sensórios motores em deficientes. São Paulo : Atheneu, 1991.

SÃO PAULO, SEED. Preparação para o trabalho na educação especial. São Paulo: SE/CENP, 1989.

UFPR. Normas para apresentação de documentos científicos. Curitiba: UFPR, 2000.

WERNER, David. Guia de deficiência e reabilitação simplificada. Brasília: Corde, 1994.

WERNEK, Cláudia. Muito prazer eu existo. Rio de Janeiro: WVA, 1993.

## **ANEXO**

### **Conteúdos de Planos de Aula**

▶ Faixa Etária: Alunos preferencialmente com a mesma deficiência, faixa de idade cronológica e nível de desenvolvimento.

▶ Duração de cada aula: 50 minutos

▶ Objetivos: Socializar o aluno com seu meio, despertar sua criatividade, favorecer seu desenvolvimento nas áreas da linguagem, cognitiva e psicomotora.

▶ Conteúdos a serem trabalhados:

- Consciência do corpo

Pode-se fazer com que o aluno conscientize-se da possibilidade de usar os ombros, cotovelos, pulsos, dedos, quadris, joelhos, calcanhares, cabeça, peito ou qualquer outra parte do corpo para se mover ou dançar.

- Consciência do peso e do tempo

Pode-se fazer com que o aluno em desenvolvimento tenha consciência de que o movimento de qualquer parte do corpo pode ser contínuo, repentino, vigoroso ou leve.

- Consciência do espaço

Pode-se fazer com que a criança em crescimento sinta a diferença entre os movimentos amplos e restritos.

- Consciência do fluxo do peso corporal no tempo e espaço

O aluno deve conscientizar-se que pode dar continuidade ao movimento em linha reta assim como em trajetos sinuosos e serpenteantes com diferentes velocidades e vários ritmos.

- Adaptação à companheiros

Além de socializar-se o aluno deve adquirir coordenação e plasticidade de movimentos em grupo.

- Uso instrumental de membros do corpo

As funções normais dos membros podem ser alteradas dando funções diferentes aos mesmos.

- Qualidade expressiva e modo de movimento

As integrações dos movimentos, sejam simples ou complexos, unem-se para expressar a dança.

- Relacionar figuras e esforços usando diferentes partes do corpo

As figuras geométricas podem juntar-se aos esforços físicos através dos movimentos corporais.

- Movimentos avançados

Combinação coreográfica dos movimentos propostos nos diversos estágios.

► **Materiais e Métodos:** Os materiais podem variar muito entre as atividades propostas; balões coloridos, cordas, bastões, arcos, colchonetes, bolas, aparelho de som ou percussão, materiais alternativos confeccionados com material reciclado pelos próprios alunos; enfim todo material de apoio existente e acessível para a prática das atividades.

A explicação oral do professor, a observação dos alunos, as demonstrações dos exercícios, a explicação de técnicas e as metodologias sintética e analítica devem ser empregadas de acordo com a necessidade da turma e atividade aplicada.